

O TRADUTOR E A MELANCOLIA

SUSANA KAMPPFF LAGES
Doutorado-UNICAMP
CEL - UNICAMP

I

O propósito deste trabalho é realizar um rastreamento de textos sobre tradução, procurando desenvolver uma reflexão que questione em que medida e que formas assume uma determinada atitude de tradutores e teóricos da tradução -- que denomino aqui de "melancólica" -- em relação às possibilidades e limitações apresentadas por seu objeto de estudo.

Para tanto, sirvo-me da psicanálise como suporte teórico, na busca de uma definição conceitual dessa "melancolia". Naturalmente, tendo em vista as limitações do presente ensaio, o corpus terá um caráter limitado, tendo-se aqui procurado manter um critério de representatividade das principais tendências atuais, sem pretender um levantamento exaustivo.

O estudo compõe-se de duas partes: a primeira delinea brevemente o conceito de **melancolia** como definido psicanaliticamente; a segunda trata de verificar implicações psicanalíticas de muitas das visões de tradutores, escritores e teóricos a respeito de tradução.

II

Como demonstrou Allan Bass em ensaio que trata do papel decisivo (porém não deletério, pelo contrário) de um erro de tradução para a construção de um corpo teórico, não só a história do movimento psicanalítico pode ser iluminada por uma reflexão que inclui uma reflexão sobre tradução, como a teoria da tradução pode ser enriquecida pelos aportes da psicanálise.

No contexto do presente trabalho, limito-me, como já aludi, ao conceito de **melancolia**. Em que consiste a melancolia, segundo a psicanálise, segundo Freud, especificamente?

No ensaio em que trata de estudar o fenômeno da melancolia, Freud define o conceito a partir de duas bases: da reflexão sobre a própria experiência clínica e da comparação do estado melancólico com o processo do luto típico, por morte de algum ente querido.

Dois fenômenos complexos chamaram a atenção de Freud: por um lado, na melancolia, o sujeito não cessa de se auto-reprovar, dirigir todo o tipo de acusação à própria pessoa. Trata-se geralmente de acusações desproporcionadas que, do ponto-de-vista do observador externo (analista, amigos, parentes), pouco têm a ver com a pessoa do sujeito. Segundo a experiência clínica de Freud, essas acusações dirigem-se a outra pessoa que é, foi ou deveria ser ou ter sido amada pelo sujeito melancólico. Entretanto, ele dirige essas acusações contra si mesmo, em função de um processo de identificação narcísica inconsciente com um objeto, cuja relação foi de alguma forma abalada e em relação ao qual ele passa a ter sentimentos ambivalentes. Uma característica típica da melancolia é a tendência a se transformar no estado psíquico oposto: em mania, um estado eufórico, em que o sujeito se sente triunfante, praticamente onipotente, após ter-se sentido totalmente impotente durante o período melancólico. No luto, como na melancolia, também há uma profunda tristeza; mas ela encontra respaldo na realidade mais imediata: o sujeito acabou de sofrer a perda de uma pessoa a quem amava, perda essa totalmente consciente. Segundo Freud, num trabalho de luto bem-sucedido, após um primeiro período de recolhimento, o sujeito acaba por investir em novas relações objetais, fazendo com que a perda seja conscientemente vivida e trabalhada, reconhecida. Na melancolia, porém, a perda não chega à consciência, não podendo assim ser superada, sendo somente negada nos períodos de mania.

III

Do ponto-de-vista aqui apresentado, a história da tradução e da imagem do tradutor que tradutores, escritores e críticos construíram pode ser descrita como uma história de rebaixamentos, auto-reproches, enfim, de um constante empobrecimento do Ego do tradutor, por um lado; por outro lado, consiste na afirmação enfática de capacidades sobre-humanas em termos de conhecimentos lingüísticos e culturais a serem dominados pelo tradutor, figurando a faceta maníaca da visão tradicional do tradutor e da tradução.

Nesse sentido, vejamos agora o que dizem alguns autores sobre tradução e tradutores. Tomemos, por exemplo, a seguinte afirmação de Paulo Rónai, eminente pioneiro dos estudos sobre tradução no Brasil: "Assim, do coitado do tradutor, tão mal pago, exigem-se conhecimentos enciclopédicos, quase universais." (p.39)

Tal afirmativa evidencia uma visão melancólica do tradutor, inferiorizado como "coitado" diante da tarefa ciclópica que lhe toca executar, bastante distante da imagem do tradutor ideal, detentor de "conhecimentos enciclopédicos, quase universais". O mesmo Paulo Rónai faz a apologia desse tradutor imbuído da missão de atingir a "compreensão completa" do texto:

Ao traduzirmos de uma língua estrangeira para a nossa, o problema central é o da compreensão completa. Procuramos penetrar o texto em todos os seus pormenores, compreender-lhe as intenções, situá-lo dentro do contexto cultural da civilização onde foi produzido." (p.116)

Desse outro ponto-de-vista, o tradutor assume a postura heróica, onipotente, o que o leva a propalar a necessidade de uma "compreensão completa" do texto, que atinja as "intenções do autor". Desse modelo idealizado de tradutor, resulta sempre uma sensação de inferioridade diante do objeto ideal, expressa pela idéia da impossibilidade da tradução, como sublinha Straight:

The translator must also work out all manner of equivalencies, correspondences, and parallels between the two. This task requires a keenness of insight surpassing that of most mortals. In fact, translators (and translation critics) I have talked to confess that the task is, in the end, an impossible one. (p.42)

Concordo que o tradutor não seja um leitor comum, que ele seja um leitor especial. Discordo, porém, da posição teórica que identifica essa excepcionalidade na capacidade do tradutor de determinar as intenções comunicativas do autor do texto original. Segundo essa visão, o tradutor deve deixar de lado suas próprias impressões e intenções, como afirma, por exemplo, Katharina Reiss:

Del traductor, en cambio, se exige que lea el texto según las intenciones del autor, ya que su tarea es reverbalar en la lengua término no sus propias impresiones e intenciones, sino dar a entender en la otra lengua lo que habla escrito el autor original, haciendo traslucir en la traducción las intenciones comunicativas de éste. (p.38)

As visões tradicionais do tradutor oscilam da importância resignada a um ideal de onipotência sobrehumano. Vemos aí um movimento pendular que se pode denominar de **ambivalente**. Em psicanálise, a melancolia costuma ser classificada entre as afecções do Ego, o que a aproxima das psicoses. A atitude ambivalente de tradutores e teóricos da tradução reflete uma clivagem que opera no tradutor entre sua visão empírica da tradução e sua tentativa de teorização desses processos empíricos. Na maioria dos textos sobre tradução opera a dicotomia teoria X prática (naturalmente, ela não é privilégio dos estudos sobre tradução, embora aí se manifeste de forma acentuada). Erwin Theodor representa essa esquizofrenia do tradutor comparando-o ao artista de circo, equilibrista, que deve equilibrar-se sem trapézio “no terreno imponderável das equivalências, dos confrontos e das analogias” (p.69).

Segundo uma concepção amplamente divulgada na prática e nas teorias de tradução, o tradutor não deveria “aparecer” no texto traduzido, devendo tentar neutralizar ao máximo as marcas de sua operação sobre o texto original, o qual é definido *a priori* como superior. Essa atitude deriva de uma visão que considera o texto original como acabado e imutável, completamente imune às vicissitudes histórico-temporais a que -- diga-se de passagem -- está exposto todo produto humano. Essa concepção acaba por conduzir a algumas aporias no pensamento teórico, sendo a questão mais discutida a da definição do que vem a ser fidelidade e equivalência dentro da teoria da tradução. Não poucas vezes, traduz-se fidelidade por humildade, atitude submissa diante do original e de seu autor. Vamos a alguns exemplos: “Em geral é preferível que o tradutor se considere o procurador do autor antes que o seu colaborador.” (RÓNAI, p.64) O décimo mandamento do *Decálogo para uso próprio do tradutor*, do polonês Dedecius, também reforça a idéia de um desaparecimento da figura do tradutor diante da magnitude do autor:

No contato com o autor seja adaptável, mas sem abdicar da sua personalidade: tenha vontade própria, sem ser teimoso. Permita que ele fique em primeiro plano; Você está por trás do texto, e de tal forma que o reconheçam. (apud Theodor, p.26)

Ironicamente, a tradução feita por Theodor do texto de Dede-cius deixa na ambigüidade quem deve ser reconhecido: o autor ou o tradutor? Outro defensor da humildade do tradutor é José Paulo Paes:

Inclusive, é um pouco temerário usar a noção de equivalência, eu prefiro sempre a noção de aproximação, já que se trata de passar de um sistema lingüístico para outro. Como esses sistemas são diferentes não se pode, a rigor, falar de equivalência, mas sim de aproximação. É uma concepção mais humildemente pretensiosa. Tenho a impressão que o pecado capital do tradutor é a soberba e a virtude indispensável para ele é a humildade. (p.53)

Outra visão muito disseminada é a do tradutor como um maligno destruidor, deturpador do texto original. Esta visão supõe haver uma e somente uma interpretação correta, verdadeira do texto original, a qual deve ser, em vista disso, corretamente apreendida e corretamente recodificada pelo tradutor. Não se especificam para isso quais os critérios de "correção", senão de maneira vaga, exigindo-se do tradutor excelentes conhecimentos das línguas e culturas com as quais opera, além de vastíssimo conhecimento de mundo, em termos bastante genéricos (visão triunfante, manfaca). Por outro lado, o produto da atividade do tradutor é frequentemente avaliado como inferior, "aquém" da perfeição acabada do texto de partida (visão melancólica). Rosemary Arrojo faz referência a esse fenômeno como o "preconceito da inferioridade ou da impossibilidade" (p.25-8), citando alguns exemplos desse preconceito histórico, fornecidos por George Stener, como a comparação de Nabokov da tradução à profanação dos mortos. Dessa tradição deriva um paradoxo: o original é definitivo, completo em si; é, porém, simultaneamente polissêmico e codificado numa língua e cultura diversas das do tradutor. Como então admitir a diferença constitutiva do texto traduzido, se o que se pretende muitas vezes é uma reprodução "fiel ao original"? A resposta teórica mais freqüente é expressa pela necessidade de estudar os "desvios necessários" (Theodor) ou obstáculos (Mounin) presentes no ato da tradução. A maioria dos teóricos chega a pensar na tradução como uma contabilização de perdas e ganhos, no processo da busca de uma identidade entre texto original e texto traduzido. Geralmente, as perdas são consideradas irrecuperáveis e os ganhos, compensações limitadas. Nessa visão está embutida uma atitude melancólica: o "objeto perdido" é inefável, inexplicável, próprio da outra língua/cultura; segundo a visão tradicional, na construção da identidade do texto traduzido, é para esse objeto irreconhecível que o tradutor deve

encontrar equivalente numa língua/cultura necessariamente não idênticas à língua/cultura do original. A essa concepção alia-se uma outra visão lingüística, segundo a qual as línguas constituem diferentes sistemas, fechados e incomunicáveis entre si, pois resultantes de uma determinação sócio-cultural inescapável. Esse aspecto foi sustentado e difundido na teoria da tradução, sobretudo pelo texto de Catford (apud Wilss e MacGuire).

A idéia dos “desvios necessários” pressupõe que a tradução ideal seria aquela que pudesse se manter ao máximo dentro dos limites de uma transposição literal, palavra-por-palavra, dos significados. Essa é a visão que sustenta as tentativas de sistematização de procedimentos técnicos da tradução, nas quais se parte do pressuposto de um sentido literal das palavras que, pela incomunicabilidade ou mesmo imperfeição dos sistemas lingüísticos, não encontra equivalência absoluta de um sistema a outro. Com isso, a transposição está *a priori* fadada ao fracasso, à impossibilidade. Essa visão leva igualmente a se acreditar que entre determinadas línguas, seja qual for o contexto de produção e recepção do texto, seja qual for a finalidade da tradução, a tradução deverá ser mais perfeita do que entre pares de línguas culturalmente mais afastadas (português/espanhol; português/chinês, por exemplo) (cf. Aubert, p.117).

Talvez seja o próprio Steiner que sintetize de forma mais eloquente a melancolia da impossibilidade vivida pelo tradutor de cercar totalmente os significados que se supõem encapsulados no texto original, de “atender às demandas do original”:

But the ‘miracle’ is never complete. Each translation falls short. At best, wrote Huet, translation can, through cumulative self-correction, come ever nearer to the demands of the original, every tangent more closely drawn. But there can never be a total circumscription. From the perception of unending inadequacy stems a particular sadness. It haunts the history and theory of translation. [...] There is a special miseria of translation, a melancholy after Babel. (p.269)

Apesar da longa história da reflexão sobre a tradução, o alcance das idéias teóricas sobre o tema é considerado ainda limitado por Steiner que expressa assim sua própria visão melancólica enquanto teórico da tradução:

List Saint Jerome, Luther, Dryden, Hölderlin, Novalis, Schleiermacher, Nietzsche, Ezra Pound, Valéry, MacKenna, Franz Rosenzweig, Walter Benjamin, Quine and you have

very nearly the sum total of those who have said anything fundamental or new about translation. The range of theoretic ideas, as distinct from the wealth of pragmatic notation, remains very small. (Idem)

Creio que a melancolia que assombra a história e a teoria da tradução deriva de um total descaso para com a figura do tradutor enquanto **sujeito** do processo da tradução. Encarar o tradutor como sujeito significa reconhecer nele uma identidade já constituída e historicamente determinada, que não pode ser assimilada como um simples *Doppelgänger* do autor do texto original. Significa igualmente levar em conta não apenas a demanda do original, mas também as exigências de uma comunidade de leitores, que também possui sua determinação histórica particular.

BIBLIOGRAFIA

- ARROJO, Rosemary. (1986). *Oficina de Tradução*. São Paulo: Ática.
- AUBERT, Francis Henrik. (1989). 'A fidelidade no processo do traduzir'. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. 14. p.115-9.
- BASS, Allan. (1985). 'On the history of a mistranslation and the psychoanalytic movement'. IN: GRAHAM, Joseph F. (org.). *Difference in translation*. Ithaca/London: Cornell University Press. p.102-141.
- BASSNET-MCGUIRE, Susan. (1988). *Translation Studies*. London/New York: Routledge.
- FREUD, Sigmund. (1982) 'Trauer und Melancholie'. IN: _____. *Psychologie des Unbewussten*. Frankfurt a. Main: Fischer. v.3, p.193-212.
- NÓBREGA, Thelma M. e GIANI, M.G. Giana. (1988). Haroldo de Campos, José Paulo Paes e Paulo Vizioli falam sobre tradução. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. 11. p.53-65.
- REISS, Katharina. (1981). 'Comprender un texto -- Qué significa para el traductor?' IN: MATTOS, Delton (ed.) *Estudios de traductología I*. Brasília: Kontakt. p.33-49.
- RONAI, Paulo. (1976). *A Tradução Viva*. Rio: Educom.
- STEINER, George. (1976). *After Babel*. Aspects of language and translation. New York/London: Oxford University Press.

STRAIGHT, H. Stephen. (1981). 'Three Dimensions in the evaluation of translation'. IN: ROSE, Marilyn Gaddis (ed.). *Translation Spectrum. Essays in Theory and Practice*. Albany State University of New York Press. p.41-50.

THEODOR, Erwin. (1976). *Tradução: Ofício e Arte*. São Paulo: Cultrix/EDUSP.

WILLS, Wolfram. (1982). 'Translation equivalence'. IN: ———. *The Science of Translation: Problems and Methods*. Tübingen: Günter Narr. p.134-57.